Sem perder o compasso: A trajetória de uma mulher negra sambista em um espaço acadêmico

Without losing the beat: The trajectory of a black woman, a *samba* dancer in an academic space.

GABRIELA RODRIGUES DO NASCIMENTO
Universidade Federal da Bahia
gaby.canta@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0002-4274-9533

Recebido em: 31/08/2024
Aprovado em: 08/10/2024

NASCIMENTO, Gabriela Rodrigues do. Sem perder o compasso: A trajetória de uma mulher negra, sambista, em um espaço acadêmico. **Música e Cultura**, v. 13, n. 3, p. 257-270, 2024.

abet
Associação Brasileira de Etnomusicologia

Sem perder o compasso: A trajetória de uma mulher negra sambista em um espaço acadêmico

Resumo: O presente texto traz um relato sobre minha experiência enquanto mulher negra, cantora e sambista em um espaço acadêmico. Através dessa escrita, reconto minhas vivências boas e ruins, de minha trajetória até chegar a esse mundo transformador do Ensino Superior, trilhada pelos caminhos da educação. As reflexões que apresento aqui são um passeio pelas minhas memórias de infância, adolescência e vida adulta, onde evidencio que minha relação com a música, injustiças e violências de todas as vertentes fizeram parte de minha jornada desde muito cedo. Partindo dessas experiências, o texto apresenta um despertar para a vida e uma virada de chave de suma importância para os caminhos que decidi traçar em minha caminhada pessoal e profissional através dos estudos em música, violência e gênero em ambientes de conflito durante minha pós-graduação. Nele, também apresento minha experiência enquanto mulher de pele preta enquanto estive como vice-presidente da ABET, em uma gestão afirmativa, majoritariamente negra, e como precisei enfrentar as questões de racismo institucional, como um problema estrutural e social que, de "velado", não tem nada.

Palavras-chave: Música; gênero; violências; estudos; gestão; racismo estrutural.

Without losing the beat: The trajectory of a Black woman, samba player in academic space

Abstract: This text provides an account of my experience as a Black woman, singer and samba player in an academic space. Through this writing, I recount both my positive and negative experiences tracing my trajectory until arriving at this transformative world of higher education, followed by the paths of education. The reflections I present here are a walk through my memories of childhood, adolescence and adult life, where I highlight that my relationship with music, alongside experiences of injustice and violence in all aspects, were part of my journey from a very early age. Based on these experiences, the text presents an awakening to life and an extremely important turning point for the paths I decided to follow in my personal and professional journey through studies in music, violence and gender in conflict environments during my postgraduate studies. In it, I also present my experience as a woman with black skin while I was Vice-President of ABET, in an affirmative, mostly Black administration, and how I needed to face issues of institutional racism, as a structural and social problem that was "veiled", not nonexistent.

Keywords: Music; gender; violence; studies; management; structural racism.

Introdução

Nada como um dia atrás do outro Tenho essa virtude de esperar
Eu sou maneira, sou de trato, sou faceira Mas sou flor que não se cheira
É melhor se prevenir pra não cair Sou mulher que encara um desacato Se eu não devolver no ato
Amanhã pode esperar Estrutura tem meu coração Pra suportar essa implosão
Que abalou meus alicerces de mulher Mas a minha construção é forte
Sou madeira, sou de morte Faça o vento que fizer
Mas a minha construção é forte
Sou madeira, sou de morte, sou do Norte Faça o vento que fizer

[Pode Esperar – Roberto Maria; Sylvio Pereira]

Durante toda minha pós-graduação optei por começar meus textos sempre com uma canção e nas ditas escolhas, com certeza, não houve nenhuma neutralidade. Para esse relato, ou minibiografia não fugi a regra e optei por trazer a canção supracitada, interpretada pela voz da nossa querida Alcione – Marrom[1]. Uma mulher, negra, sambista e instrumentista que fez sucesso na década de 1970 até os dias atuais. A letra fala de uma mulher que passa por muitas dificuldades e que suporta as adversidades da vida sem perder a esperança, com a promessa que superará as dificuldades das situações adversas da vida e ressurgirá delas cada vez mais forte para lutar pelos seus sonhos de mulher. Essa música me inspira e a tenho como lema de vida para seguir adiante, mesmo quando as tempestades da vida me levam a um mundo de incertezas, mergulhadas em uma imensidão de angústias e desafios constantes...

Partindo dela reconto um pouco de minhas escrevivênvias Evaristo (2005), com intuito de compartilhar um pouco de minha trajetória enquanto, mulher, negra, cantora, bióloga, mãe, avó e pesquisadora, que encontrou nos estudos a chave para mudar de vida em meio a realidades complexas e inerentes a uma mulher negra, periférica, nascida e criada em meio a um universo de violências e conflitos. A seguir, apresento um pouco minha trajetória desde a infância, passando pela adolescência, vida adulta e atual realidade enquanto doutoranda em Etnomusicologia pela Universidade Federal da Bahia e membro da equipe de gestão da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET) onde, em todas as fases tive a música como principal companheira, conselheira e motivadora para não desistir dos meus sonhos.

[1] Alcione Dias Nazareth, nascida em São Luís em 21 de novembro de 1947, é uma cantora, compositora e multi-instrumentista brasileira. Uma das mais notórias sambistas do país, a cantora recebeu a alcunha de "Marrom", "Dama do Samba" e "A Voz do Samba". Com trinta álbuns de estúdio e nove ao vivo, vendeu oito milhões de cópias de discos em todo o mundo. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alcione_(cantora). Acesso em 02 nov. 2023.

Vasculhando minhas fotografias

Escrevo minha trajetória como mulher negra, musicista, cantora, filha de um funcionário público e de uma empregada doméstica, nascida e criada na zona norte de Porto Alegre. Desde muito cedo, o cenário cultural musical de minha família sempre foi influenciado pelo samba. Hoje, estudando sobre, entendo que minhas preferências musicais advêm de minha criação musical cultivada durante minha infância e adolescência. Lá em casa, fomos criadas ouvindo ícones como Alcione, Agepê, Beth Carvalho, Benito de Paula, Gonzaguinha, Bezerra da Silva, entre outros... Dessa forma, meu referencial musical vem da música negra cantada por cantoras e cantores negros, que naquela época, pelos anos, 1970, 1980, 1990 ganharam visibilidade midiática e notoriedade como artistas que representavam a cultura negra dentro de nossa sociedade. Esses artistas retratavam a grande maioria dessa população discriminada e estigmatizada dentro desse contexto negro popular. A música se fazia presente em minha rotina e em festas da família, onde eu era sempre a atração principal, desde muito cedo. Na escola, não era diferente. O tempo foi passando... Tive o meu primeiro filho muito jovem, aos quinze anos. Aos vinte anos, já tinha três. A música, sempre foi minha parceira durante esse trajeto de vida e o meu companheiro, na época, não aceitava minhas habilidades musicais. Aí começaram outros problemas...

Sofri durante anos todas as vertentes de violências possíveis e imagináveis. Até que resolvi dar um basta na situação, após sete longos anos de agressões. Romper com o ciclo de violência é um passo bem mais difícil de dar do que se imagina. Pois, para o "outro", o silenciamento das vozes de nós cantoras negras é uma espécie de troféu para quem tenta nos calar.

Como tão bem afirma Jurema Werneck:

> [...] As condições de vida das mulheres cantoras negras são marcadas pelo racismo e pelo patriarcado que ao longo de outros fatores produtores de assimetrias sociais, resultam em vidas marcadas pela violência, pela injustiça e pela privação material (Werneck, 2007, p.22).

A escrita da autora me faz refletir sobre o papel das mulheres negras dentro de uma sociedade contemporânea ainda machista e excludente. Penso que, para mudarmos tal conceito, um dos caminhos a ser percorrido é o da oralidade e escrita. Há uma necessidade de

mais literaturas que falem da nossa história, da nossa luta diária contra um sistema opressor. "Nós, mulheres negras, intelectuais, ou não, temos que usar a fala e, através de nossa escrita, mostrar nossa visibilidade intelectual e social enquanto seres pensantes e com voz representativa em meio a esse contexto social que insiste em nos silenciar" (Nascimento, 2020).

Os anos passaram... Eu fui juntando os meus caquinhos e, depois de um aneurisma cerebral aos vinte e sete anos, no ano de 2004, recomecei a trilhar meu caminho nos bancos escolares, ingressando como aluna, no segundo ano do ensino médio. Logo em seguida, fiz magistério, onde, também sofri violências sociais por ser uma cantora da noite, que queria ser professora. A imagem do ofício de cantora perante a sociedade é assim definida por Biddle:

> [...] As condições materiais que sustentam a "profissão" da cantora, sua proximidade com a imagem de prostituição, sua maneira de representar uma imaginação particular (misógina) do feminismo como marcador da alienação do trabalho feminino, sua esterilização. (Biddle, 2003, p. 221).

Indo ao encontro das afirmações do autor, nossa profissão nos coloca em um lugar social "distorcido" do nosso real propósito. Infelizmente, esse estereótipo perpetua-se até hoje. Após esses obstáculos, já na faculdade, enfrentei outros tantos, sempre tendo a música como pivô dos problemas criados pelos outros. Ao refletir sobre, lembrei-me de Laila Rosa (2018), que afirma que da "música floresceram espaços de rebelião, denúncia e confrontos de racismo, sexismo e transfobias, bem como é um espaço de renascimento e crescimento humano".

Com certeza, a música, para mim mesmo envolta a "N" situações conflitantes serviu-me como acalanto e conforto para enfrentar muitos momentos difíceis. Anos mais tarde, finalmente, consegui me formar como bióloga e só retomei minha convivência com a música, no ano de 2018.

Os desafios presentes e as oportunidades na pós-graduação

Acredito que o universo sempre trabalha a nosso favor, mesmo quando seus caminhos não são claramente compreendidos por nós. Ele, em sua gentileza apresentou-me o mestrado, em Etnomusicologia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como tabua de

salvação e entendimento para todos os meus problemas relacionados a música e as violências existentes nesse universo sonoro. Naquele momento, mesmo sem entender bem os caminhos e os sinais imitidos por ele tomei posse da oportunidade e entendi meu ingresso na pós-graduação como uma superação dos meus limites em todos os sentidos. Fazendo uso de meus entendimentos, maturidade e desse espaço de poder, fiz jus à teoria de Seeger que afirma: "há um elemento de escolha pessoal em todos os trabalhos de campo" (Seeger, 1980, p. 26) e escrevi minha dissertação, que dialogou com minha realidade de vida, a qual me inquietava a partir do momento em que percebi que outras tantas mulheres, musicistas ou não, ainda sofriam com a violência doméstica e social em variados contextos em que estavam inseridas. Na ocasião escrevi sobre quatro mulheres musicistas que viviam em uma ocupação com mulheres vítimas de violência doméstica por seus companheiros que não aceitavam suas habilidades musicais. Nesse contexto, o desafio foi extremo, pois tive que enfrentar minha história de vida através das lentes de minhas interlocutoras, mas dessa vez, não mais como vítima, mas como pesquisadora tentando entender as complexidades existentes em universos musicais.

Decididamente, a fase do mestrado foi extremamente desafiadora. Pois, chegar a uma Universidade Federal de renome e grande conceito como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) não é uma tarefa fácil. Principalmente, para alunos negros nascidos e criados nas periferias os quais, não tem nenhuma base de ensino que acompanhe as exigências dessa tão distinta instituição de ensino. Nesse sentido, não há dúvida, de que as políticas públicas voltadas à escolarização formal têm vasta interferência na vida das sociedades, na medida em que podem ser responsáveis por oportunidades que não seriam vivenciadas apenas com os esforços pessoais impetrados pelos indivíduos. Por esse motivo, a ausência de políticas públicas deve ser entendida como um dos fatores determinantes da exclusão educacional em que ainda hoje se encontram determinados grupos que compõem o tecido social brasileiro, a exemplo das mulheres negras (Almeida; Alves, 2011). Também não é segredo para nenhum cidadão, brasileiro ou não, que nossa estrutura curricular há décadas reproduz para a educação básica o cânone da mestiçagem e da democracia racial. Nas aulas de história, sociedades africanas só aparecem no contexto da escravidão. Os negros e indígenas brasileiros, por sua vez, ocupam o local do folclórico e do exótico, não sendo representados como sujeitos históricos partícipes (Andrade, 2011). Sendo assim, é notório que às práticas pedagógicas utilizadas em nossas escolas tem sua origem na cultura ocidental.

Para Nilma Gomes (2012) é sabido que a escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. Por isso mesmo, ela é fundamental para a mobilização de novas subjetividades, onde a produção do conhecimento possa ser descolonizada e as representações negativas sobre a população negra, enfim, discutidas de forma mais aprofundada e superadas.

Sabemos que historicamente, as invisibilidades do povo negro acontecem desde os tempos da escravatura e a política de branqueamento a qual o Brasil "insiste" em manter têm contribuído, e muito, para o alargamento das diferenças sociais existentes em nossa nação. "A falta de reflexão sobre o papel do branco nas desigualdades raciais é uma forma de reiterar persistentemente que as desigualdades raciais no Brasil constituem um problema exclusivamente do negro, pois só ele é estudado, dissecado, problematizado" (Carone 1999, p. 25). Quando falamos de gênero e todos os atravessamentos sociais envoltos dessa definição biológica e fenotípica, a qual nós mulheres de pele negra estamos expostas, este abismo só aumenta, como assim argumenta Maria Silva:

> A situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período de escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país. Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém com rendimento menor, e as poucas que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial e ascender socialmente (Silva, 2003, p.75).

Em total consonância com Silva, todo esse discurso e as estruturas eurocentradas dos bancos educacionais enraizados até hoje, em nosso sistema de ensino são os que barram não só a entrada de nós negros dentro dos espaços de ensino, mas também fragilizam nossas permanências nesses territórios. Furar esses bloqueios históricos, não foi e não é fácil, mas eu e tantos outros pares temos conseguido. No meio desse processo, pude contar com pessoas maravilhosas como amigos, professores e familiares que me ajudaram a passar por essa fase difícil, sem eles, eu não teria conseguido. Superados os desafios do mestrado, ousei me jogar em outros mares e optei por fazer doutorado em Salvador/ BA, no ano de 2021. Escolhi a cidade, não só para estudar, mas como lugar de morada e aqui, não vou elencar os milhões de motivos que me fizeram optar por isso. Só posso afirmar que fazer pós-graduação Etnomusicologia – profissão que me escolheu – ter uma "desorientadora" maravilhosa como minha querida Laila Rosa e morar em uma cidade com uma população mais negra do mundo

fora de África, são, dentre outros muitos, motivos que me fazem ser completamente apaixonada pela missão e profissão que escolhi para minha vida. Em um processo de cura interna e entendimento sobre o porquê tenho afinidades com a música e gosto de escrever sobre decidi me desafiar mais uma vez, em minha pesquisa de doutorado, ao pesquisar sobre mulheres, música, violências, vivências e poesias, no Presídio Feminino da Mata Escura. Trabalho que veio para complementar minha pesquisa de mestrado, a qual eu trabalhei com muito carinho.

Nesses quatro anos que moro aqui, muitas coisas boas e ruins aconteceram, mas isso faz parte da vida e da aprendizagem de cada ser que vive neste fantástico universo e eu tenho aproveitado e saboreado a cada uma dessas experiências. Vou batizar esses momentos que passei durante o doutorado como "chá da cinco". No início do ano de dois mil e vinte dois, fui convidada pelo meu colega Dr. Pedro Acosta, para compor a chapa denominada "Afirmativa", com a formação de seus componentes, majoritariamente de etnia negra, onde ele seria o Presidente e eu a Vice-presidente, para concorrer à eleição da ABET para a gestão entre os anos 2022 e 2023. Essa instituição é uma sociedade civil sem fins lucrativos que congrega pesquisadores/as, etnomusicólogos/as, profissionais de áreas afins, instituições e associações regionais ligadas à Etnomusicologia. Diante do convite, minha primeira reação foi uma negativa. Pois, tradicionalmente a supracitada entidade, sempre foi gerida por professores universitários, o que não era o caso nem do Pedro nem meu, naquele momento. Não por ele, que já tem um pós-doutorado, mas por mim, que ainda estava no meio do curso. Mas, após muitas conversas e reuniões, eu acabei topando o desafio e lançamos a dita chapa. Para nossa surpresa, fomos eleitos e assumimos a gestão desafiadora em março de dois mil e vinte dois.

Assumir a gestão dessa entidade foi um ato de coragem e superação de novos desafios. O presidente, meu amigo Doutor, Pedro Acosta é um homem negro, que não mede esforços para fazer o melhor pela instituição. Na ocasião, nos empenhamos arduamente, para sempre trazer algo novo, através de cursos de extensão, palestras, *lives* ou projetos dirigidos aos profissionais de diversas áreas. Nosso intuito foi usar a associação como veículo de disseminação e aproximação de pessoas de diversas identidades étnico-raciais sexualidades e saberes. Com essa ação abrimos debates plurais entre a Etnomusicologia e as várias vertentes do conhecimento acadêmico e não acadêmico e tínhamos como objetivo: A promoção da Etnomusicologia; estímulo à pesquisa; o encorajamento à organização e preservação de

documentos etnomusicológicos; o intercâmbio com associações congêneres no Brasil e no exterior; organização de uma reunião bianual para divulgação de trabalhos e pesquisas na área; incentivar a participação de Pesquisadores/as, professores/as universitários/as, estudantes de pós-graduação e graduação nos Encontros da ABET. Essa gestão entendia nossa responsabilidade dentro desse espaço e o papel exercido pela Etnomusicologia brasileira no seu percurso como campo e suas contribuições para a área de Música e áreas afins, que - mesmo com as limitações sociais e econômicas que a pandemia da covid-19 trouxe e no presente, nos víamos impelidos a ampliar o projeto da ABET, agora, destacando os protagonistas negros (as) e os povos originários.

Sabemos que nossa tarefa foi e continua sendo árdua no enfrentamento contra o racismo estrutural existente dentro e fora das instituições acadêmicas brasileiras na transformação social das universidades e da sociedade. Para tanto é imprescindível: discutir e divulgar trabalhos de pesquisa em Etnomusicologia, no Brasil e no Exterior, bem como oportunizar a capacitação, a atualização e o aprimoramento científico e cultural de seus membros associados e da sociedade em geral enfatizando as contribuições de pessoas negras e povos originários para a ciência brasileira e na Etnomusicologia; oportunizar o encontro entre pesquisadores/as negras e indígenas durante ENAPON[2] para debaterem e construírem uma agenda nacional e transnacional de combate ao racismo.

Nossa gestão procurou se manter empenhada e engajada em ações e atitudes com assuntos que emergissem de territórios existentes com e a partir da música. Tais feitos podem ser vistos em detalhes através do site da ABET[3], onde está registrado um pouco do nosso legado. No ano de 2022, pude participar como representante da nossa gestão, no congresso internacional da AMS-SEM-SMT[4], que ocorreu entre os dias 10 e 13 de novembro do supracitado ano, no *Hotel Hilton* em *New Orleans*, *Louisiana*, EUA. Na ocasião, recebi um prêmio que me ajudou a pagar os custos das passagens, hospedagens e alimentação da referida viagem. A universidade me proporcionou as vivências de minha primeira viagem internacional. Foi incrível! Porém, todos esses esforços não são o suficiente, pois eu fui particularmente atacada, constantemente, por pessoas e instituições de "renome" dentro dos

[2]ENAPON - Encontro Nacional dos Povos Originários e Negros é um evento criado por nossa gestão na ABET no ano de 2022. Visa realizar encontros anuais dos povos originários e negros para discussão de ações afirmativas relevantes para essas comunidades.

[3] Disponível em: https://www.abet.mus.br/inicio/. Acesso em 02 de nov. 2023.

territórios acadêmicos musicais, que pelas suas reações, não se sentiam "confortáveis" com a minha presença ocupando esse lugar, enquanto vice- gestora da dita instituição.

Isso prova, mais uma vez, que não importa a sua profissão, ou quantos diplomas você tem, nem tão pouco a sua capacidade intelectual. O que está em jogo é a cor de sua pele e a quantidade de dinheiro que você carrega no bolso, para ser "tolerado" socialmente ou não. Esta e outras experiências boas e ruins têm me ensinado e muito... Através delas tenho crescido. Meu desenvolvimento, enquanto profissional está sendo regado a muito riso, mas, por vezes também, a muito choro. Principalmente, quando me deparo com situações racistas. Aqui, aproveito a oportunidade para narrar dois momentos em que ocorreram as discriminações. A primeira aconteceu em uma reunião de uma renomada instituição educacional de fomento à ciência e pesquisa. Durante uma reunião com mais ou menos oitenta pessoas, onde eu, ao olhar as pessoas presentes virtualmente, percebi que havia na sala só eu de negra. A fala, de cada instituição deveria ser feita após inscrição no *chat*. Fui uma das primeiras a me inscrever, às nove horas da manhã. O tempo foi passando e eu, como não era chamada, fiz a inscrição três vezes. Até que, por volta das onze e meia da manhã, quando todos já tinham falado e o último representante foi chamado e eu já havia percebido o que estava acontecendo e limpado às lágrimas que escorriam do meu rosto, levantei a mão e liguei a câmera. Perguntei se havia outro lugar onde às pessoas estavam fazendo suas inscrições para suas falas. Eles, na maior naturalidade, disseram que não. E que eles, apenas tinham se esquecido de mim.

No segundo episódio fui participar de uma reunião virtual de outra distinta instituição acadêmica. Onde entrei, testei meu microfone e minha câmera e os desliguei, mas permaneci na sala. Com as novas plataformas virtuais é possível entrar na sala e ser vista somente pelo administrador. Foi o que aconteceu. Quando às organizadoras do evento chegaram e não me viram começaram a falar de mim e da nossa gestão. O desrespeito foi tanto que eu fui chamada de a "tal da Gabriela", a vice-presidente da ABET. Também durante a conversa foi dito que nós, não éramos nem doutores e que não havia nenhum professor universitário, na nossa gestão. Informações que não são verdadeiras, pois, o Presidente da época, Dr. Pedro Acosta possui Pós-doutorado e o nosso Editor, Dr. Rafael Branquinho, é professor na Universidade Federal de Roraima. Depois disso, ainda disseram que eu, não era bem-vinda na reunião e que a minha demora em entrar na sala era porque eu deveria ter me flagrado disso. Continuando com os insultos foi dito que me dariam somente dois minutos para falar minhas

abet
Associação Brasileira de Etnomusicologia

asneiras... Enfim, as ofensas contra a minha pessoa e a nossa gestão negra foram pesadas. Diante de tal atitude não respondemos nada, não por enquanto. Essas coisas precisam ser digeridas e a melhor reposta vem através do trabalho. Ou como diz a minha mãe "o mingau se como pelas beiradas". Como Werneck nos ensina, as ações sociais que insistem em invisibilizar as mulheres negras são explicitamente expostas de forma cruel e taxativa.

> As mulheres negras não existem. Ou, falando de outra forma: as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos. (Werneck, 2009, p.151).

Em total concordância com a autora, "eles", ainda fingem que nós não existimos e nós, não mais fingimos acreditar neles. Essas atitudes são o que nos movem e nos incentivam a não desistir jamais dos nossos sonhos. A meta é manter o foco e seguirmos furando os bloqueios sociais, que insistem em nos paralisar. Todavia, na grande maioria das vezes, sem sucesso. Que bom!

Ainda, refletindo sobre furar bloqueios, no mês de outubro de 2023, o presidente da ABET, professor Dr. Pedro Acosta e eu tivemos a honra de participar do *The 68th Annual Meeting of the Society for Ethnomusicology*, em *Ottawa* – Canadá, representando nossa gestão e ações realizadas no Brasil. Ficamos lisonjeados, de mais uma vez, podermos estar presentes em locais de grande representatividade enquanto negros, professores, pesquisadores em música que acreditaram na potência dos caminhos da educação para mudarmos nossas histórias de vida e construir novos caminhos para que, nossos pares possam trilhar a mesma estrada.

Considerações Finais

Quando opto por fazer pública um pouco da minha trajetória, é por acreditar que outras pessoas que também passam ou passaram pelos mesmos dilemas percebam que sempre há outros caminhos a serem descobertos e outras histórias para serem vividas. As trajetórias, não se constroem e nem são contatadas isoladamente. Elas são rodeadas de pessoas que pulsam vida, amor, receios, medos, sonhos e desejos que se entrelaçam diariamente nos

caminhos de alguém, ao longo da vida. Quando escrevo é para deixar registrada a voz de mais uma mulher negra que encontrou na música e na educação motivos para reescrever sua própria história de vida, mas, dessa vez, de posse e controle da caneta sem perder o ritmo e compasso. É isso que me mantém viva e firme nos meus propósitos e convicções. Um viva à música, as superações e aos sonhos que nos fazem acreditar em um futuro melhor!

Referências

ALMEIDA, Giane; ALVES, Claudia. Educação escolar de mulheres negras: interdições históricas. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 41, n. 27, p. 81-106, jul./dez. 2011.

ANDRADE, Bruna. **Entre as Leis da Ciência, do Estado e de Deus o surgimento dos presídios femininos no Brasil**. 2011. 317 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BIDDLE, Ian. Of Mice and Dogs: Music, Gender, and Sexuality at the Long Fin de Siecle. In: CLAYTON, Martin; HERBERT, Trevor; MIDDLETON, Richard. **The cultural study of music: a critical introduction**. New York: Routledge, 2003. p. 219-230.

CARONE, Iray. A distância subjetiva entre as classes, de acordo com Alexis de Tocqueville. 1999, **Anais...** São Paulo: ABRAPSO, 1999. Acesso em: 20 dez. 2024.

Da grafia-desenho de minha mãe. Um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: MESA REDONDA DE ESCRITORAS AFRO-BRASILEIRAS. **XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura**. Rio de Janeiro, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educ. Soc. Campinas**, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul-set. 2012.

LUZ, Gabriela. Rodrigues do Nascimento. **Música entre lágrimas:** um estudo etnomusicológico sobre musicistas vítimas de violência doméstica. 119f. Dissertação (Mestrado em Música). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

ROSA, Laila; Música e violência: narrativas do divino e do feminicídio. **Andaimes**, México, v. 15, n. 37, p. 147-175, ago. 2018. Disponível em: [link aqui]. Acesso em: 13 dez. 2019.

SEEGER, Anthony. Pesquisa de campo: uma criança no mundo. In: **Os índios e nós**. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1980.

SILVA, Maria Nilza da. A mulher negra. **Revista Espaço Acadêmico**, [*S.l.*], ano 2, n. 22, mar. 2003. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/022/22csilva.htm. Acesso em: 18 maio 2006.

SILVEIRA, Oliveira. Vinte de Novembro: história e conteúdo. In: GONÇALVES, Petronilha. Beatriz; SILVÉRIO, Valter Roberto (Org.). **Educação e ações afirmativas:** entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003. p. 21-42.

WERNECK, Jurema. **O Samba Segundo as Ialodês:** mulheres negras e a cultura midiática. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [*S.l.*], v. 1, n. 1, p. 07-17, 2010. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/site/article/view/303. Acesso em: 20 dez. 2024

Gabriela Rodrigues do Nascimento é doutora em Etnomusicologia pela Universidade Federal da Bahia. Mestra em Etnomusicologia/Musicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em Ciências Biológicas e especialista em Gestão Escolar. Pós-graduanda em Musicoterapia e graduanda em Música. Tem experiência na área de Educação. Enquanto profissional, já atuou como professora de música na FASE de Porto Alegre, no ano de 2017 e como gestora em ONGS na capital gaúcha. Fez parte da equipe de apoio do Centro de Referência da Mulher- Mulheres Mirabal e foi membro do G8 (Generalizando Direitos Sexuais e de Gênero), equipe vinculada ao SAJU (Serviço de Assessoria Jurídica Universitária). Atualmente, tem atuado como professora de Artes e música das Séries Finais do Ensino Fundamental e Médio e faz parte do grupo de pesquisa e experimentos sonoros, Feminaria Musical e do Coletivo Etnomusicologia Negra. Tem como temas de interesse: educação, gênero, música e as várias vertentes de violências exercida contra a mulher negra. Foi Vice-presidente da Associação Brasileira de Etnomusicologia- gestão 2022/2024.